



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACIG

**OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM
CRIANÇAS AUTISTAS**

Leticya Martins Knupp

Manhuaçu – MG

2022

Leticya Martins Knupp

**OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM
CRIANÇAS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado no Curso Superior de Pedagogia do Centro Universitário UNIFACIG, como requisito parcial à obtenção do título de graduando em Pedagogia.

Área de Concentração: Pedagogia

Orientador (a): MSc Alessandra Alves de Souza Nery.

Banca Examinadora: Andréia Almeida Mendes, Lidiane Hott e Alessandra Alves de Souza Nery.

MANHUAÇU-MG

2022

RESUMO

O Transtorno do Espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento, ou seja, ele afeta as habilidades motoras, cognitivas e psicossociais do indivíduo. Esse trabalho visou buscar informações sobre o TEA e suas características e teve o objetivo de descobrir quais são os principais erros cometidos na educação das crianças autistas que estão matriculadas no ensino regular. A pesquisa teve abordagem qualitativa, a coleta de dados foi realizada através de um questionário com perguntas direcionadas aos professores e monitoras de duas escolas municipais de Alto Jequitibá - MG. Observou que os educadores se esforçam para trazer uma inclusão aos alunos através de acolhimento e tentativas em fazer brincadeiras e jogos educativos, conclui-se que não há um suporte para a escola em relação aos recursos que essas crianças deveriam usufruir, e o ponto principal é que não há um profissional formado na área da educação especial para orientar e dar suporte aos educadores que trabalham com alunos autistas.

Palavras-chave: Autismo; Educação; adaptações.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	5
2. REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1. Característica do Transtorno do Espectro Autista.....	5
2.2. A Conscientização Social para Reduzir Mitos e Preconceitos Quanto ao Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista.	7
2.3. Benefícios de Tratamento e Intervenções à Criança Diagnosticada com TEA. 9	
3. METODOLOGIA.....	12
4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	12
CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

1. INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição que deve acolher a todos os alunos de forma respeitosa, laica, zelosa e prazerosa, contudo, sabemos que a teoria sempre está em perfeita ordem, já na prática as coisas podem sair do controle. Existem diversas políticas educacionais que obrigam as instituições a acolherem em seu ambiente escolar, alunos atípicos. E assim o faz. É difícil ver uma escola que não tenha alunos com alguma deficiência, sinal de que a escola está cumprindo seu papel. Porém somente colocar esses alunos em uma sala regular com seu monitor, isso, se tiver o laudo que o garanta a presença do mesmo para acompanhá-lo, não é o suficiente. É preciso investir mais na educação dessas crianças e saber dos desafios a serem superados.

De acordo com a legislação Federal 12.764, de 2012, que considera os autistas como pessoas com deficiência, afirma-se que eles possuem o direito a todas as políticas de inclusão do país (BRASIL, 2012). A lei deixa claro que a inclusão verdadeira é aquela na qual os profissionais estão preparados para exercer a sua função com excelência. Começando por sua residência, vizinhos, escola, donos de estabelecimentos e claro, a equipe médica que é indispensável.

Nesse sentido, o presente artigo, sob o tema “Os desafios no processo de ensino e aprendizagem com crianças autistas” tem por objetivo geral identificar os principais erros cometidos na educação dos alunos autistas. Os objetivos específicos são: Identificar as maiores dificuldades que eles apresentam na sala de aula e analisar as ações pedagógicas que a escola oferece em busca do aprendizado significativo dos mesmos. O despreparo dos profissionais da educação pode provocar uma crise ou agravar a mesma. Criando um bloqueio entre o aluno e o ambiente escolar. Sendo assim, há uma dúvida em relação às escolas municipais. Está havendo acessória adequada para que a inclusão seja eficiente? O que está faltando para que esses alunos tenham a educação que a lei os garante?

Justifica-se a escolha da temática, pois o autismo está diretamente ligado ao meio social, pedagógico e pessoal. Daí a importância desta busca científica do trabalho de ensino aprendizagem para os alunos com TEA.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Característica do Transtorno do Espectro Autista.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é denominado pela Associação Americana de Psiquiatria – APA (2013), como um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, é caracterizado pelo domínio progressivo de habilidades motoras, cognitivas e psicossociais. O transtorno se inicia no período gestacional, podendo ser impactado por fatores genéticos, biológicos, ambientais e socioculturais.

De acordo com Cunha (2015) em 1943 o estudo do autismo tomou uma proporção maior através das primeiras pesquisas do psiquiatra Leo Kanner, que se

mostraram muito relevantes. A partir daí começa uma busca por conhecimentos para tentar entender as possíveis causas de uma criança nascer com o transtorno.

“O TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando déficit nas dimensões sociocomunicativa e comportamental” (SCHMIDT, 2013, p. 13).

Assim como uma criança típica, cada autista possui sua característica única, podendo ir do temperamento calmo ao violento em instantes.

É também comum se observar crianças autistas fascinadas por certos estímulos visuais, como, luzes piscando e reflexos de espelho bem como tendo certas aversões ou preferências por gostos, cheiros e texturas específicas. (SILVA; MULICK, 2009, p.120)

Segundo Hoffmann (1996) na maioria dos casos, as crianças com TEA apresentam algum tipo de estereotipia, de uma forma ou de outra, as estereotipias comprometem o desenvolvimento motor, linguístico e as atividades físicas, sociais, emocionais, cognitivas e educativas de uma criança. As estereotipias foram encontradas em animais e no homem, sendo assim está relacionada ao mau funcionamento de sistema de controle de conduta, impulsos e motivações. Uma grande dificuldade dos professores normalmente é de adequar determinada tarefa há condição do aluno. Alguns gostam de brincar e correr, outros gostam de ficar isolados.

É uma tarefa que demanda muito estudo e dedicação, para que essa criança alcance êxito no final do ano. Segundo Laznik (2004) a partir do segundo ano de vida a criança já vai demonstrar os sinais do autismo. Em alguns casos é possível diagnosticar antes, e isso é bom. Quanto mais cedo começar a tratar, melhor para a criança. A partir dos dois anos começam a aparecer as estereotipias e automutilação, que são características comuns do TEA. Muitas crianças se mordem, ou puxam o cabelo, gritam, e até batem em outra pessoa quando estão nervosas ou em crise.

A partir daí percebe-se que é um estudo com várias características e personalidades diferentes. Cada ser humano tem suas emoções, gostos, níveis de aprendizados, e não é diferente com pessoas autistas.

Bueno (2003) firma que:

Toda conduta estereotipada se produz de maneira independente da consciência do indivíduo, ou seja, considera-se ato automático que não tem significado evidente para o observador, embora possa daí inferir-se que a conduta é um processo de isolamento. (BUENO, 2003, p. 155)

Segundo esse autor a criança ou adulto que de alguma forma se fere, ou fere alguém, que grita, joga as coisas no chão, chora quando as coisas não estão do jeito que ele quer ou quando ouvem um não faz isso não porque estão conscientes e sim porque é algum mais forte que eles. É uma reação automática. O autor Sibemberg, explica que essas ações dizem algo sobre o sujeito.

Impedidos de apelar à linguagem e sem articulação imaginária que permita perceber as coisas do mundo da mesma forma que seus semelhantes, produzem sintomas com seu corpo (estereotipias gestuais, "rocking", "flapyng", e outros movimentos rituais e

repetitivos) no intento de, através da repetição, estruturar um mínimo de organização para suas vidas. (SIBEMBERG, 1998, p. 65)

Ou seja, são tantas informações, barulhos, mudanças hormonais, mudanças no dia a dia, que acabam fazendo uma bagunça na mente da criança fazendo com que ela não saiba organizar ou processar tudo isso. Têm-se como consequência as crises, que também são características do transtorno.

Para se tratar o autismo é necessário quebrar antigos paradigmas, eliminar as culpas e aprender a despertar e a valorizar os talentos inatos de cada indivíduo. Não devemos nos deter nas suas dificuldades, mas sim viabilizar as potencialidades, sempre visando à independência, autonomia, socialização e auto-realização de quem vive e se expressa dessa maneira tão peculiar. (SILVA et al, 2012, p. 7).

Segundo Amy (2001) essas crianças possuem família que fazem parte do seu principal desenvolvimento. Se em casa não tiverem uma boa base, nada será eficaz no tratamento. É através dos pais e responsáveis que os resultados terão mais sentido. Por isso a família deve entender que não basta levar a criança no médico e esperar que ele faça o trabalho sozinho, assim como levar para escola e esperar que ele se desenvolva lá. Para se obter sucesso, é preciso uma união entre família, escola e médicos.

Segundo Silva (2012) uma pessoa com autismo vê o mundo de uma forma muito diferente da nossa, muitas vezes os pais, professores, e amigos, não percebem ou não entendem. Mas eles compreendem como qualquer outro. Basta saber lidar e intervir da maneira correta. Se todos tivessem empatia de tentar entender o lado do outro, os resultados seriam renovadores. Pensando nisso, o autor escreve:

A principal área prejudicada, e a mais evidente, é a da habilidade social. A dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo percebam corretamente algumas situações no ambiente em que vivem. A segunda área comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. A terceira é a das inadequações comportamentais. Crianças com autismo apresentam repertório de interesses e atividades restritos e repetitivos (como interessar-se somente por trens, carros, dinossauros etc.), têm dificuldade de lidar com o inesperado e demonstram pouca flexibilidade para mudar as rotinas. (SILVA et al, 2012, p. 10).

Diante disso, todos devem ter a consciência de que não se deve excluir ou pensar que os alunos com TEA não são capazes ou insuficientes, eles têm características únicas e especiais que devem ser valorizadas

2.2. A Conscientização Social para Reduzir Mitos e Preconceitos Quanto ao Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista.

Os estudos sobre o transtorno do espectro autista estão evoluindo cada vez mais. Antes era falado somente dos casos mais graves. Hoje, observa-se um entendimento maior sobre as características desta condição.

Vários estudos falam de possíveis causas que levam uma criança a nascer com autismo, podendo ser, segundo os autores, Gaiato e Teixeira (2018) fatores genéticos, fatores ambientais e epigenéticos.

Para todos aqueles com traços ou diagnóstico de autismo, uma coisa é universal: o contato social é sempre prejudicado. Não, necessariamente, porque estão desinteressados, mas porque não sabem e não aprenderam a arte de interagir e manter vínculos. (SILVA et al, 2012, p. 11).

Segundo Silva (2012), durante toda a vida, estamos socializando com alguém. Quando se vive em comunidade é necessário se comunicar, para procurar emprego e ter uma boa relação com os colegas de trabalho, é preciso ter uma função social boa. Enfim, para “crescer” na vida necessita-se de outras pessoas para que as metas sejam cumpridas. Porém uma pessoa com TEA não gosta de se comunicar, prefere ficar em seu “mundo”. Isso não é bom para ela, pois um dia, essa criança vai crescer e ser um adulto com responsabilidades. Por isso torna-se tão importante seguir as orientações de profissionais da educação e saúde.

De acordo com Cunha (2017) durante anos, enfatizou-se o papel da função materna e paterna no aparecimento do autismo. Atualmente, sabe-se que o autismo não vem dessa relação. Ainda não se sabem todas as causas, mas, podem-se descartar algumas e afirmar outras. Os fatores metabólicos decorrentes de alterações bioquímicas podem ter influência no aparecimento do TEA.

Já segundo Gaiato e Teixeira (2018), existem vários estudos em universidades e centro de pesquisas que dizem o seguinte:

O autismo é uma condição neurobiológica, de origem genética, o que significa que alterações no código genético do feto em desenvolvimento no útero da mãe fazem com que ocorra uma cadeia de reações químicas que modificam a qualidade, a produção, a forma, a organização e o número de células e alteram a expressão química desses neurônios. (GAIATO; TEIXEIRA, 2018, p. 21)

Os fatores ambientais podem afetar o cérebro de maneira brutal, podendo afetar o desenvolvimento do bebê ainda no período gestacional.

Doenças congênitas, como rubéola, encefalites, meningites, uso de drogas ou medicamentos com alto potencial tóxico, prematuridade do parto, baixo peso ao nascimento, entre outros fatores, poderiam hipoteticamente produzir alterações de estruturas cerebrais, ou alterar fatores imunológicos e bioquímicos, predispondo e até mesmo desencadeando o comportamento autista. (GAIATO; TEIXEIRA 2018, p.22)

Segundo os autores acima, “A epigenética estuda os fatores que controlam a expressão dos genes, que é regulada por substâncias químicas presentes no DNA” (GAIATO; Teixeira, 2019, p 23). Dependendo na quantidade de fatores ambientais e químicos que a gestante for submetida podem-se ocasionar em sintomas do TEA.

Estudos têm demonstrado que a epigenética pode influenciar respostas imunológicas maternas relacionadas à maior suscetibilidade para o transtorno do espectro autista. Essas alterações intraútero podem ser suscetíveis a fatores ligados ao

estilo de vida materno, como tabagismo, uso de álcool, obesidade e desnutrição. (GAIATO; TEIXEIRA, 2018, p.23)

Nos resultados e discussões de um artigo, Santos e Vieira (2017) apontaram que existe uma grande parte da sociedade, inclusive família e educação, que ainda não sabem o que é o TEA. Muitos associaram o autismo a uma deficiência, mas, na verdade, ele está associado ao transtorno do neurodesenvolvimento.

Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras que não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. (SILVA et al, 2012, p.11).

Para Silva (2012) essas crianças não gostam de socializar com outras crianças porque o contato social lhes parece algum ameaçador. Por isso em várias escolas é comum ver esses alunos sozinhos com seu monitor. Apesar da insistência de professores e até colegas, eles não cedem.

As crianças com autismo não escolhem ficar sozinhas, mas a falta de habilidades sociais as mantém distantes das outras, entretidas no seu mundo, sem demonstrar desconforto. Elas são bem diferentes de crianças tímidas, que não conseguem ficar com o grupo por vergonha, mas observam de longe seus coleguinhas, com nítida vontade de serem aceitas e de participarem das brincadeiras. (SILVA et al, 2012, p.12)

Sobre as birras, desobediências e oposição às regras, os autores Gaiato e Teixeira (2018) em suas experiências sobre o assunto, dizem que muitos pais os procuram para pedir ajuda sobre as questões de comportamento. Muitas crianças autistas não lidam bem com as regras e acabam tendo um comportamento de pirraça. Porém, eles enfatizam que nem sempre é birra. Muitas vezes não fazem na maldade e sim na inocência. Sua maior dificuldade está no autocontrole. Reagem negativamente por não saberem controlar suas emoções.

Com isso, é importante frisar que diante de tudo que se escreveu até aqui, percebe-se que autismo não tem cura, mas tem tratamento.

2.3. Benefícios de Tratamento e Intervenções à Criança Diagnosticada com TEA.

Para Silva (2012), receber o diagnóstico do TEA sobre o filho não é tarefa fácil para a família, uma vez que diante disso, toda a rotina irá mudar completamente. Novas tarefas, novos desafios, o medo da aceitação e a preocupação com os filhos, tornam os principais pensamentos da família. Muitos pais se recusam a aceitar que o filho tenha autismo, e isso só vai piorar a situação. Quanto mais cedo diagnosticar e tratar, melhor para a criança.

Segundo Pereira (2011) os pais demoram a compreender que os filhos possuem o transtorno, pois as suas fisionomias não apresentam diferenças em seus comportamentos. Além de ficar mais difícil para dar um diagnóstico exato, atrasando mais o tratamento.

Há três caminhos pelos quais as famílias passam: Primeiro, conhecer o autismo; segundo, admitir o autismo e, por fim, buscar apoio de pessoas que convivam ou estão envolvidas com o autismo. Assim é de suma importância ficar atento ao comportamento diário da criança em casa. (PEREIRA, 2011, p.53)

Segundo Brasil (2015), o ministério da saúde diz que, sem o diagnóstico é impossível fornecer um tratamento e um apoio às famílias. Ele é fundamental para a pesquisa empírica, para o planejamento em gestão e saúde e para a prática clínica. Tudo isso vai ajudar a ser um processo mais tranquilo para a criança.

No que tange ao assunto de medicamentos, segundo Gaiato e Teixeira (2018) não existe medicamento específico para o TEA. Existem medicamentos que vão amenizar algum fator específico. Esses que atrapalham o funcionamento global da criança.

Uma criança que apresente comportamentos agressivos, auto-agressivo, que é agitada, inquieta, ansiosa, com movimentos repetitivos ou estereotípias, pode se beneficiar de uma intervenção farmacológica. Outras crianças que apresentam diagnóstico associados como epilepsia, transtorno de ansiedade generalizada, transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, transtornos de humor também podem fazer uso de medicação objetivando a melhora dos sintomas da patologia associada. (GAIATO; TEIXEIRA, 2018, p.58)

A família deve ir à busca de todos os direitos que a criança possua, pois não é fácil começar uma rotina com o filho atípico sem um suporte. Aliás, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela lei 8.069, de 13/07/1990, representa o marco da consolidação dos direitos da criança e do adolescente no Brasil.

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-la a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988).

Ou seja, essa lei garante tudo o que uma criança necessita para ter uma infância de qualidade. Não basta somente que a família faça parte, é uma equipe formada por pais, sociedade e estado.

De acordo com Silva (2012) para o tratamento, todas as necessidades que a criança autista apresenta são separadas em pequenas etapas que são treinadas e exercitadas.

São, inicialmente, separadas em pequenas etapas que são treinadas, exercitadas. As respostas apropriadas são seguidas por recompensas prazerosas, chamadas reforçadoras, que aumentarão as chances de esse comportamento adequado ser repetido. Um objetivo importante do tratamento é tornar o aprendizado divertido para a criança. Outro é ensinar a criança a diferenciar estímulos diversificados. Já os comportamentos inadequados, tais como birras, estereotípias, autoagressão e fugir de atividades, devem ser ignorados e direcionados para algo adequado. (SILVA et al, 2012, p. 101).

Ou seja, deve-se evitar que esses alunos entrem em crise. Se acontecer deve-se ignorar e tentar direcionar a criança para outras brincadeiras ou atividades, a fim de estimular o aprendizado divertido e sem traumas para a criança.

Os autores Gaiato e Teixeira (2018) dizem que o tratamento é baseado na análise do comportamento, que é realizado em uma psicoterapia comportamental baseada no mundo todo. Tende a analisar os pacientes de acordo com seu comportamento, interação com o meio em que vive e sua vida em sociedade. Esse tratamento visa diminuir os comportamentos inadequados das crianças e ajudá-los a se controlarem.

Silva (2022) acresce que o ministério da saúde lista algumas intervenções que podem ajudar no desenvolvimento de uma criança com autismo. Como a abordagem de utilizar jogos e aplicativos voltados para o desenvolvimento de pessoas com TEA, podendo incluir, por exemplo, jogos educativos, tarefas de desenvolvimento cognitivo e ampliação de vocabulário. É importante lembrar que não há medicamentos específicos para o autismo, somente medicamentos para controlar algumas causas que levam a criança a se machucar ou machucar o outro, e o medicamento para se acalmar.

Brasil (2015) diz que no tratamento terapêutico são feitas as seguintes contribuições que vão ajudar no desenvolvimento da criança. Utilizar os aparelhos de alta tecnologia para beneficiar o aprendizado e uso de medicamentos previamente receitados pelo médico. O medicamento não serve para ser o único meio de tratamento, ele vem como forma de uma estratégia de cuidado, isso se for necessário e autorizado.

Não apenas as famílias, mas também a pessoa com autismo precisa de muita resiliência. O tratamento não é fácil, tampouco passivo. Assim como os pais, ela precisa aderir a todas as técnicas propostas para poder aprender a fazer coisas que não emergiriam "naturalmente". Quanto maior a força e a vontade para superar as dificuldades melhor será os resultados no tratamento. (SILVA et al, 2012, p. 106).

Para Gaiato e Teixeira (2018), o tratamento da criança também deve ser estendido à escola com a ajuda dos médicos, professores, monitores, e pais da criança. Nesse ambiente a criança fica desconfortável, pois eles gostam de ficar mais isolados. Por isso a intervenção e cuidado são tão importantes. Esses autores também relatam que o uso de imagem e figuras podem ser grandes aliados na aprendizagem dessas crianças, pois eles gostam muito do lúdico.

O educador deve incluir o lúdico em suas aulas,

A escola enfrenta um cenário desafiador em adequar seus objetivos, de modo que atenda às expectativas da sociedade atual de forma agradável. Tornar as aulas atrativas e interessantes para as crianças, por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras. Representa uma oportunidade dela de resgatar o gosto pelo aprender e a vontade pela busca de conhecimento no aluno, e com isso cumprir seu papel em beneficiar o desenvolvimento da criança. (SANTOS, 2021, p.38)

“Assim como um diamante precisa ser lapidado para brilhar, uma pessoa com autismo merece e deve ser acolhida, cuidada e estimulada a se desenvolver” (SILVA et al, 2012, p. 06).

3. METODOLOGIA

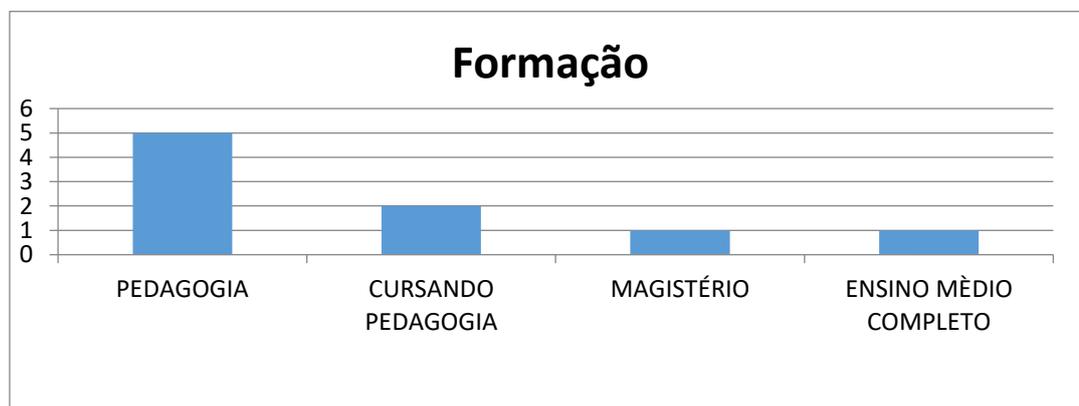
A abordagem da pesquisa é qualitativa do tipo dedutiva. Tem como método de análise um questionário entregue em mãos pela pesquisadora, feito de questões abertas que foi realizado com as professoras e monitoras no turno vespertino das duas escolas municipais de ensino fundamental I da cidade de Alto Jequitibá - MG.

Para a coleta de dados, foi entregue o questionário a todas as professoras e monitoras que possuem em sua sala de aula um aluno diagnosticado com TEA. Todas aceitaram contribuir, levaram para responder em sua residência para que não atrapalhasse seu expediente. Passados dois dias, os dados foram recolhidos. Duas escolas municipais de Alto Jequitibá foram visitadas. No total 9 profissionais participaram, sendo 5 monitoras e 4 professoras.

4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Observou-se que todas as participantes são do sexo feminino e que as monitoras possuem em sua maioria um número muito menor de experiência na educação regular do que as professoras. As entrevistadas foram identificadas como **E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8 e E9**.

Gráfico 1- Formação/especialização?



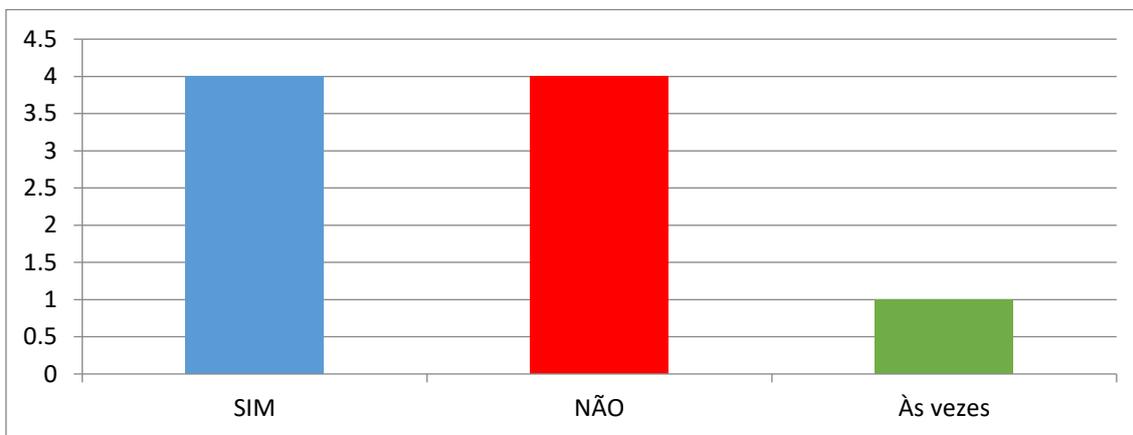
Fonte: dados da pesquisa

No gráfico 1 pretende-se saber qual a formação de cada uma, analisando as respostas, nota-se que a grande maioria das professoras possui uma especialização, somente a **E2** só tem o curso de pedagogia. Outra questão é sobre as monitoras, a maioria está cursando pedagogia ou possui magistério. Com exceção da **E6** que é formada e cursa a pós-graduação e da **E9** que possui apenas o ensino médio completo. A saber, que para ser monitor de um aluno especial não é necessária uma formação, somente o ensino médio é suficiente.

Porém muitos pais se incomodam com o fato do filho ser acompanhado por pessoas sem a formação adequada. Nota-se também, que nenhuma pessoa que

trabalha com os alunos com TEA possui uma formação na área da educação especial.

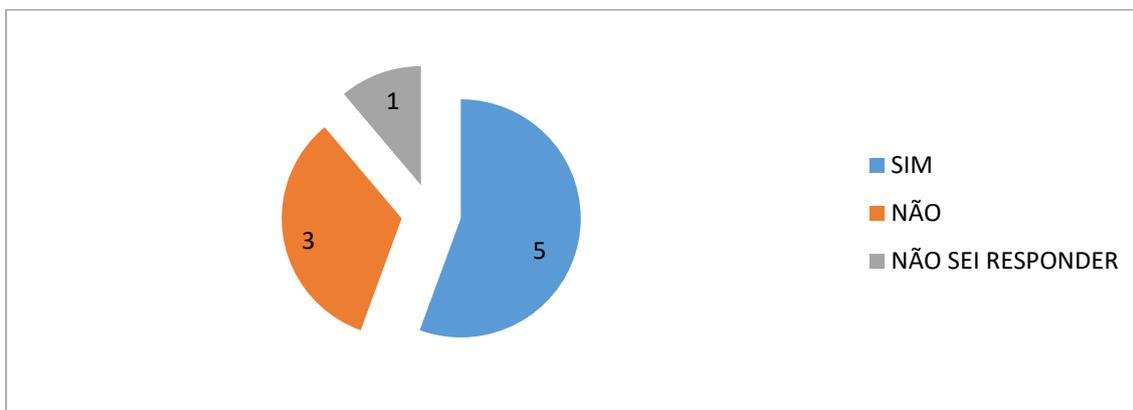
Gráfico 2- Você se sente valorizado em sua função?



Fonte: dados da pesquisa

Percebe-se que houve um empate, 4 disseram não e 4 disseram sim. A participante **E3** respondeu que às vezes sente e às vezes não. Ela tem dúvidas sobre o que pensar nessa questão. A participante **E4** foi sincera dizendo que na escola elas se esforçam muito para ter pouco reconhecimento, e isso acaba desanimando o educador a trazer novidades pra sala de aula. A participante **E1** disse que ela se valoriza e isso é muito bom, pois mostra que ela tem força de vontade e amor próprio. A participante **E6** ressalta que como educadoras deveriam ser mais valorizadas. Mais uma vez, fazendo referência a muito trabalho e pouco reconhecimento.

Gráfico 3- Em sua opinião, está havendo uma educação de qualidade nessa escola?



Fonte: dados da pesquisa

Nota-se que as respostas ficaram praticamente empatadas. Essa questão vai de pessoa para pessoa, cada um tem uma opinião sobre o que é uma educação de qualidade. Mas, é interessante que 7 das entrevistadas são da mesma escola, e trabalham no mesmo turno. Somente a **E2** e **E5** são de outra escola, e ambas responderam que lá não acontece uma educação de qualidade, e ainda se teve a justificativa que não acontece uma qualidade por fatores de despreparo dos

profissionais envolvidos com a gestão escolar. Essa escola está localizada em um bairro mais simples. A escola das outras entrevistadas é a escola principal do município, portanto ela é mais bem monitorada. Somente uma professora disse que não há uma educação de qualidade e duas disseram que estão em processo, ou seja, ainda não tem, mas estão melhorando.

QUADRO 1-Como acontece à inclusão nessa escola?

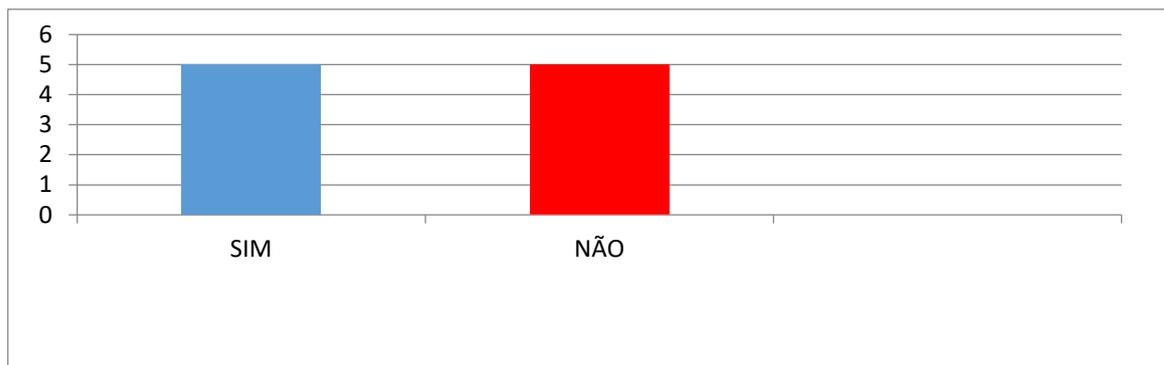
E1, E4, E6, E7 e E9	Disseram que a inclusão acontece com relações interativas, buscando sempre reforçar aos alunos os conceitos básicos de convivência, atenção, carinho, empatia e respeito às diferenças. Sempre recebendo os alunos, trabalhando a empatia nos colegas e fazendo com que o aluno se sinta bem em nosso meio.
E2 e E5.	Disseram que a inclusão acontece através do acolhimento às crianças.
E3 e E8	Disseram que apesar da escola não ter uma preparação adequada, elas tentam trazer um ensino divertido para eles.

Fonte: dados da pesquisa

É possível perceber que todas falam que a inclusão acontece por meio de um acolhimento amoroso e respeitoso. A professora **E4** diz que apesar da escola não estar preparada para receber esses alunos, elas recebem da maneira que podem, com respeito às diferenças e empatia.

A Monitora **E9** disse que elas levam as informações para os colegas de turma, mostrando as suas limitações e o porquê do aluno autista se comportar de uma maneira diferente dos outros. Segundo ela, quando os outros alunos entendem o que é o autismo a própria criança com TEA vai se sentir mais segura em brincar e ser quem é, sem medo dos julgamentos. A monitora **E8** também reforça que elas trabalham a empatia nos colegas de classe.

GRÁFICO 4-O seu aluno com TEA gosta de estudar?



Fonte: dados da pesquisa

Diante disso percebe-se que as respostas empataram, porém algumas justificaram. A professora **E3** disse que respondeu sim, a criança gosta de fazer os exercícios, mas às vezes não faz nada. A monitora **E6** também disse que a criança gosta, mas não é sempre, às vezes não faz nada. A monitora **E7** diz que a aluna é estudiosa, mas em muitas vezes fica cansada e se recusa a fazer, então ela tem que sair da sala de aula e a leva para brincar, jogar e se divertir aprendendo. A Monitora **E9** diz que os dois alunos que ela fica são bem diferentes, a menina gosta de estudar, já o menino é mais elétrico e gosta muito das brincadeiras, mas estudar no caderno não chama a atenção dele.

QUADRO 2- O que você faz para ele desenvolver em sala de aula?

E1 (professora)	Tratamento de igualdade para todos, não mostrar diferenças, são todos iguais, seguir o planejamento anual, jogos interativos e pedagógicos, amor e muito carinho e atenção.
E2 (professora)	Ele se recusa a ficar dentro de sala. No início do ano ficava, mas depois das férias de julho ele não entra de jeito nenhum.
E3 (professora)	Ela não fica em sala de aula, fica mais com sua monitora.
E4 (professora)	Aplicando atividades que chamem atenção dele, incentivando-o de diversas formas.
E5 (monitora)	Procuo entrar em seu mundinho particular. Tentar vê como ela enxerga o mundo e assim poder trabalhar seja com o lúdico ou o concreto, mas no seu tempo e da melhor forma.

E6 (monitora)	Ela não gosta de ficar em sala de aula, mas sempre procuro incentivá-la a participar com os colegas. Dou jogos educativos, materiais lúdicos que podem chamar a atenção dela.
E7 (monitora)	Tento ser objetiva com ela. Estudo formas de não deixar as atividades muito cansativas.
E8 (monitora)	Brincadeiras e estímulos positivos.
E9 (monitora)	Tento ser objetiva com eles, estudo formas de não deixar as atividades muito entediantes. Procuro mostrar sempre o valor deles, e o valor da evolução, com as tarefas, letrinhas, o capricho e a interação com as coleguinhas.

Fonte: dados da pesquisa

Diante dos dados, percebe-se que as professoras **E2** e **E3** não participam ativamente do processo de ensino e aprendizagem do aluno, uma vez, que ele não vai para sala de aula. Eles se recusam a entrar e ninguém consegue mudar a opinião deles. Então a educação em sala de aula com os colegas de turma não acontece. Eles ficam em outra sala com seu monitor. As outras duas professoras **E1** e **E4** dizem que buscam formas de tratar todos igualmente e ser objetiva em suas propostas para não confundir a criança com TEA.

As monitoras tentaram dar mais detalhes já que são elas que passam a maior parte do tempo com seus alunos especiais. A **E5** procura entrar no mundo imaginário de sua aluna para tentar tirar algum proveito disso para sua aprendizagem didática. A **E6** diz que a aluna não gosta da sala de aula, mas sempre incentiva a sua participação dentro de sala. Em busca de resultados melhores oferece a ela jogos e brincadeiras lúdicas.

As monitoras **E7**, **E8** e **E9** falam que buscam ser objetivas e precisas, sempre reforçando os estímulos positivos. Reforçando também seu valor e incentivando-a sempre a fazer tudo com capricho.

GRÁFICO 5- Você tem apoio dos pais e da escola para o melhor desenvolvimento do aluno?

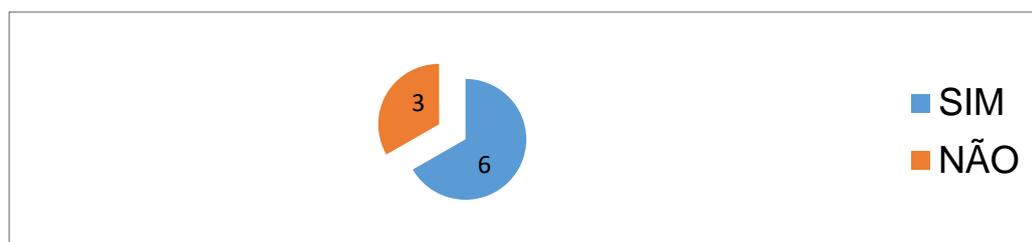


GRÁFICO 6- A escola te oferece recursos para trabalhar com seu aluno?



Fonte: dados da pesquisa

No gráfico 5, os resultados deram bastante diferença, sendo 3 “Não” e 6 “sim”. Isso significa que para a maioria, a escola e os pais oferecem apoio a eles. Essas questões sobre apoio familiar é muito pessoal então cada educador vai ter uma colaboração diferente do outro

No gráfico 6, os resultados mostram que deu empate entre as participantes. Um fato curioso é que 2 pessoas que responderam “Não”, são de uma escola da zona rural, mas a terceira participante é da mesma escola das entrevistadas que responderam “Sim”. Ou seja, uma participante fala que a escola não oferece recurso para ela trabalhar com seu aluno autista. Houve aqui, uma incoerência nas respostas das entrevistadas, o que causa uma impressão de medo das pessoas investigarem a fundo a direção da escola. As participantes que responderam à alternativa “Às vezes” deram as justificativas que a escola não dá o apoio que precisaria dar, e outras disseram que estão caminhando para isso.

QUADRO 3- Como é a relação dele com os outros colegas de classe?

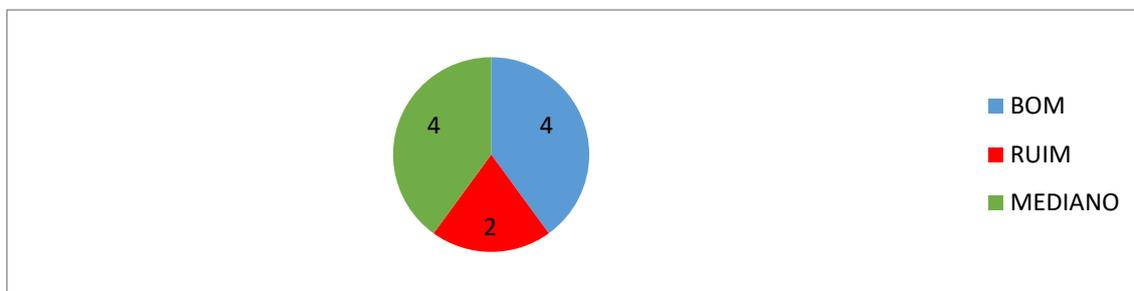
Interage bem, mas somente com crianças específicas, tem seus preferidos.	A3, E4, E7 e E9.
Interage às vezes, mas prefere ficar na dele. Sente dificuldade em estar no meio de outras crianças.	A1, E5, E6 e E8.
Não gosta de se misturar com outras crianças. Prefere ficar sozinho.	A2.

Fonte: dados da pesquisa

Vemos que nesse caso, alguns alunos interagem com os outros, e outros não. Mas em todos os casos fala que os alunos com TEA gostam de pessoas específicas ou só ficam com os colegas por um determinado tempo depois querem ficar no cantinho deles. As participantes **E4, E7, E8 e E9** responderam que seus alunos interagem bem com os outros, e os colegas de sala respeitam as limitações deles. As participantes **E1, E2, E3, E5, E6** disseram que seus alunos até interagem, mas

preferem ficar sozinhos, ou conversam com poucos colegas por pouco tempo. A partir disso, percebemos que o TEA não é moldado em uma característica só, cada criança tem seu perfil único, e isso vai muito de família para família.

Gráfico 7-Como é o comportamento dele na escola?

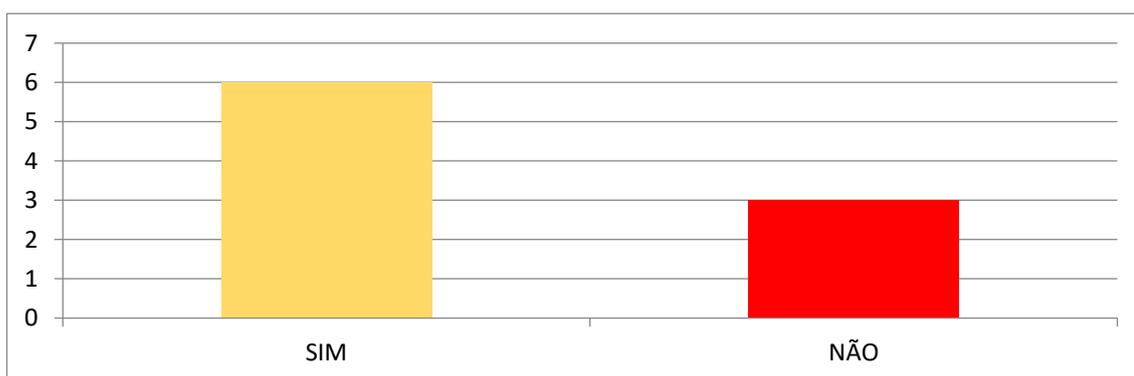


Fonte: dados da pesquisa

No gráfico percebe-se que as maiorias dos alunos se comportam bem. Mas as entrevistadas ressaltaram que nem sempre eles estão bem. Há dias mais calmos e dias mais turbulentos para eles.

As educadoras **A2**, **A4** e **E7** dizem que seus alunos são muito agitados e teimosos, as coisas têm que ser feitas do jeito deles e na hora deles. Também ressaltam que a concentração é quase mínima. A monitora **E5** diz que sua aluna já melhorou muito, mas não tem concentração para as atividades, em alguns momentos grita, bate, tranca-se no banheiro e fica muito confusa com tudo a sua volta. As respostas dessa pergunta ficaram divididas entre um comportamento bom e comportamentos agitados. Mas todos eles apresentam caso de ter que sair da sala para dar uma acalmada.

Gráfico 8- Em sua opinião, essa escola está preparada para receber alunos com TEA?



Fonte: dados de pesquisa

Nesse contexto de inclusão as entrevistadas disseram em sua maioria que a escola está preparada para receber os alunos com TEA. Porém elas justificaram suas respostas dizendo que sim, está preparada, mas, que está faltando alguns recursos. **AE** disse que a escola está caminhando para seu desenvolvimento de ensino e aprendizado dos alunos. Ou seja, constata-se que elas responderam no quesito inclusão, mas não deixaram claro sobre recursos, professores

especializados etc. Tanto que as educadoras **E2**, **E4** e **E5** disseram sem justificativas, que a escola não está preparada para receber esses alunos.

Quadro 4- O que você acha que poderia mudar no cenário atual, para ajudar o aluno em seu desenvolvimento?

E1 (professora)	Elaborar um sistema de aprendizado dinâmico. Ir além da rotina da leitura dos livros didáticos e apostilas.
E2 (professora)	Um acompanhamento de uma especialista na área da educação especial mais de perto, nos orientando.
E3 (professora)	Melhores condições médicas, como: terapia ocupacional, fonoaudióloga, psicóloga, neuropsiquiatria, neuropediatra etc. Penso que todos vão ajudar muito para a construção de um aluno efetivamente autônomo.
E4 (professora)	Um trabalho em conjunto, de pais, psicólogos, pedagogos e outros membros da família.
E5 (monitora)	Um ambiente adequado, com uma sala com materiais adequados, um plano de aula mais específico, um professor especializado em TEA na escola.
E6 (monitora)	Melhores condições médicas, como: terapia ocupacional, fonoaudióloga, psicóloga, neuropsiquiatria, neuropediatra etc. Penso que todos vão ajudar muito para a construção de um aluno efetivamente autônomo.
E7 (monitora)	Um professor especializado em educação especial para nos orientar.
E8 (monitora)	Atividades e brincadeiras para estimular o aprendizado em casa.
E9 (monitora)	Um acompanhamento na APAE o acesso a terapia ocupacional, psicólogo e fonoaudiólogo.

Fonte: dados da pesquisa

Como podemos perceber no quadro acima, as entrevistadas disseram muitas coisas interessantes, de maneira geral, ficou dividido em duas respostas principais. A **E1** e **E8** disseram que é necessária uma aprendizagem mais focada no aluno, com planos de aula específicos para eles, rotinas, ambiente adequado, sala de recursos montada como manda a lei. As educadoras **E3**, **E6**, **E9** e **E4** disseram que é necessário um acompanhamento médico com os devidos profissionais e família. Como: Terapia ocupacional, fonoaudióloga, psicóloga, neuropsiquiatria, neuropediatra, frequentar a APAE, etc. E por fim, a **E2**, **E5** e **E7**, disseram que é necessário um profissional da área de educação especial que seja formado e especializado em TEA, para orientar e dizer o que fazer.

CONCLUSÃO

A escola deveria oferecer mais recursos e principalmente alguém formado na área de educação especial e em TEA, para estar auxiliando os professores e monitores nessa missão de ensino e aprendizagem com eficácia para eles.

Na discussão dos resultados constataram-se muitos dados importantes, o objetivo principal desta pesquisa era de saber o porquê não estava havendo um aprendizado ideal para crianças com TEA, e podem-se ver alguns pontos principais. Primeiramente, na escola do município não é oferecida a educação que essas crianças especiais têm direito por lei. As crianças autistas contam com a ajuda de uma monitora e professora regente da sala de aula. Teve casos que nem na sala de aula o aluno entra. Então fica praticamente impossível esse contato de professor e aluno. Consequentemente o monitor fica por conta de conduzir o ensino a ele, mesmo sem ter a formação necessária.

O monitor não tem uma formação em educação especial e nem precisa ser formado em um curso superior, diante disso, quem fica responsável por adaptar o ensino para o aluno autista é o professor regente. Mas, esse professor também não é obrigado a ter uma formação em educação especial. Então se constata que os educadores não têm culpa diante da lei pela educação que está sendo oferecida. Quem deveria fornecer os recursos e um professor formado em educação especial, especialista em TEA é nesse caso, o município.

Toda escola deve ter pelo menos uma sala de recurso e um professor formado na área para atender esses alunos. E, não sendo isso que foi visto nessas escolas. Os educadores deveriam sim, fazer o possível para fornecer essa educação, não pode entrar no comodismo e se contentar no pensamento que, “socializar já está bom”. Cada educador deve procurar seu melhor e estudar, buscar informações, conteúdos, brincadeiras que possam entusiasmar seus alunos. Os educadores não têm culpa da falha do sistema, mas pode melhorar muito a vida desses estudantes especiais se buscarem um estudo contínuo sobre o TEA.

Outro fator é que muitas famílias não levam seus filhos aos médicos necessários para seguirem um tratamento. Isso prejudica muito na vida da criança. Os alunos que possuem uma rotina nos médicos falados no questionário tendem a ter uma relação melhor na escola.

Como foi falado no referencial teórico, o autismo não tem cura, mas tem tratamento. Se os pais e a escola se atentarem nos sinais que aparecerem, o diagnóstico pode vir antes do esperado e a criança já ai aprender a lidar com essa condição neurológica melhor, vai saber, ou tentar organizar seus pensamentos sem muito estresse.

O principal erro cometido na educação dos alunos autistas é a falta de preparo dos profissionais, falta de apoio da família, falta de investimento na escola e falta de inspeção nas escolas.

O maior desafio para os alunos com TEA é sem dúvidas, o contato social com outras pessoas, ficar em um ambiente cheio e barulhento pode deixar esses alunos muito estressados e agitados. Essa criança precisa ser constantemente motivada e compreendida para que ela tenha a chance de aprender significativamente. E isso se dá a partir de recursos lúdicos, brincadeiras, acompanhamento médico adequado, apoio familiar, etc. Tudo dentro de suas limitações.

Dessa forma, conclui-se que os educadores são parte da história de uma criança autista. Se esse trabalho for bem feito a criança vai sentir o desejo de estar aprendendo. Tanto o professor quanto o monitor faz a diferença na vida deles. O cenário não é o ideal, mas um bom profissional pode torná-lo mais divertido. Percebe-se que amor e carinho não faltam para essas crianças. A falta de recursos e formação são os principais problemas encontrados aqui.

REFERÊNCIAS

AMY, Marie Dominique. **Enfrentando o autismo: a criança autista, seus pais e a relação terapêutica**/ Marie Dominique Amy; tradução, Sérgio Tolipan; prefácio à edição brasileira, Marta Midori Yoshijima. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

APA. **Associação Americana de Psiquiatria**. 2013.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1990.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial Sistema Único de Saúde. Brasília, 2015 Disponível em:
http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 24 de out. 2022.

BRASIL. **Lei federal**. Lei nº 12.764. Brasília: Diário Oficial da União, 2012.

BUENO, J. S. **Cegueira e estereotípias**. In: MARTÍN, M.B.; BUENO, S.T. Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos. Trad. Magali de Lourdes Pedro. São Paulo: Santos, p.153-160, 2003.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão: Psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015. 140 p.

CUNHA, Eugenio. **Autismo e inclusão: Psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2017. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PrT1DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=livro+autismo&ots=1K50kMXR3v&sig=nOmU6ZUx7pz5vFeUqwGqCg_6mpl#v=onepage&q=livro%20autismo&f=false Acesso em: 25 de Nov. 2022.

GAIATO, Mayara; TEIXEIRA, Gustavo. **O reizinho autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis**. 1 ed. São Paulo: nVersos. 2018. Disponível em:

<file:///C:/Users/Leticia/Documents/8%C2%B0%20periodo/o-rezinho-autista.pdf>. Acesso em 20 de Nov. 2022

HOFFMANN, S. B. **Estereotipias na infância**. Porto Alegre - RS, 1996. Disponível em: <http://www.diversidadeemcena.net/artigo21.htm>. Acesso em: 10 out. 2022

LAZNIK, M. C. **A voz da sereia**: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Trad. Cláudia Fernandes Rohenkol et al. Salvador: Ágalma, 2004. 211 p.

PEREIRA, Cyelle, Carmem Vasconcelos. **Autismo e família**: Participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas. Artigo de revisão, João Pessoa, Facene/Famene. 2011. Disponível em: <http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2010/11/2011-2-paq-51-58-Autismo-e-fam%E2%94%9C%C2%A1lia.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022

SANTOS, Regina Kelly Dos; VIEIRA Antonia Mayra Emelly Cabral Da Silva. **Transtorno do espectro do autista (TEA)**: Do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. Revista *Includere*, (219-232) fev. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/includere/article/view/7413/pdf>. Acesso em: 23 de out.

SANTOS, Marisa Dias Dos. **A importância da música na educação infantil**, Revista *Desenvolvimento Intelectual*. Vol. 1, n.1, p. 38 (2021)- Mensal. Disponível em: <https://revistaintelectual.com.br/wp-content/uploads/2021/03/>. Acesso em: 25 Nov.

SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. In: SCHMIDT, C (org) *Autismo, educação e transdisciplinaridade*. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

SILVA, Júlia Souza. **O direito à saúde das pessoas com autismo**: Reflexões sobre o acesso aos tratamentos pertinentes diante da conformação atual do CID 11. Revista *Brasileira de Direitos e Garantias Fundamentais*. V. 8, n.1, p. 39-56 (2022). Disponível em: <file:///C:/Users/Leticia/Downloads/8635-25242-1-PB.pdf>. Acesso em: 25 Nov. 2022.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. *Mundo singular: entenda o autismo*. Fontanar, 2012. Disponível em: <http://cursosposneuro.com.br/wpcontent/uploads/2015/08/MundoSingularEntenda-o-Autismo.pdf>. Acesso em 27 de out. de 2022.

SILVA, Micheline. MULICK, James A. **Diagnosticando o Transtorno Autista**: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas. *Psicologia ciência e profissão*, 2009, 29 (1), 116 – 131. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n1/v29n1a10.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2022.